

verdadeiros druídas, a dupla francesa misturou ingredientes de impecável produção plástica, encadernação sofisticada, recursos lingüísticos adequados a cada aventura, composição de elementos históricos e ficcionais que ocorrem a partir da aldeia gaulesa que resiste aos invasores romanos, liderados por seus dois principais heróis: Asterix, o baixinho sagaz e bigodudo que se torna invencível ao tomar a poção mágica; e seu melhor amigo, Obelix, o grandão com espírito de criança, cuja força advém de ter caído no caldeirão do druída Panoramix. Tudo isso regado com preciosismo em cada cena, de humor requintado, pontuada por muitos bordões inesquecíveis – como “esses romanos são uns loucos!” “que o céu caia sobre minha cabeça” – e o tom crítico e debochado contra a cultura pop massificada e a globalização.

Para Gazy Andraus, autor de quadrinhos e doutorando da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), *Asterix* é um trabalho magistral que, além de oferecer momentos lúdicos inesquecíveis, permite conhecer a história antiga e contextualizar a crítica francesa ao imperialismo norte-americano. “*Asterix* é uma metáfora da resistência cultural

dos franceses à hegemonia norte-americana”, comenta.

Essa combinação primorosa, de texto e desenho, garantiu sucesso persistente: suas histórias percorrem o mundo, conquistando públicos de todas as idades, já traduzidas para mais de 107 idiomas ou dialetos. A recente produção *Asterix e os vikings* é o nono desenho animado inspirado nas HQ. Já foram feitos, também, dois filmes tendo o ator francês Gerard Depardieu no papel de Obelix: *Asterix e Obelix: missão Cleópatra* e *Asterix e Obelix contra César*.

Os álbuns realizados pela dupla de cartunistas deixaram saudades e os últimos números, produzidos apenas pelo desenhista, após a morte de Goscinny em 1977, enfrentaram severas críticas. Entre elas, a de que Uderzo estaria acabando aos poucos com todos os mitos de *Asterix*. Na última odisséia, a 33ª, o desenhista faz cair o céu na cabeça dos gauleses, único medo que afligia a aldeia, substituindo os exércitos de legionários romanos por extraterrestres. Apesar de tudo, *O dia em que o céu caiu* já superou a marca de 80 mil exemplares vendidos em todo o mundo.

Susana Dias



Reprodução

Desenhos realizados pela equipe brasileira para a produção do novo filme de Asterix

HANNAH ARENDT

UMA APÁTRIDA DA CULTURA E DA POLÍTICA

Hannah Arendt (1906-75) é uma das figuras intelectuais mais significativas e complexas da cultura do século XX. Judia, fugitiva, se definiu sempre como uma apátrida, desenraizada, uma pária tanto na política quanto na cultura. Testemunha consciente e sensível dos eventos e da tragédia de sua época, estudou na universidade alemã do período de Weimar, com Heidegger e Karl Jaspers. Fugiu da Alemanha em 1933, na ascensão de Hitler, indo residir em Paris. Conheceu Walter Benjamin, Bertolt Brecht e Raymond Aron. Quando os alemães invadem a França, é detida como suspeita; solta, foge para Nova York, onde passa a segunda metade da vida. Para Alberto Martinelli, as referências de Hannah Arendt estão simultaneamente em três culturas: a alemã, a hebraica e a norte-americana, sem, entretanto, identificar-se plenamente com nenhuma delas, nem com as nações que lhes correspondem. A Alemanha era a língua-mãe, a filosofia e a poesia, mas dela veio a indelével experiência de anti-semitismo. Sua relação com o judaísmo e com Israel foi mais complexa. Afirmou ter sido “educada com esforço e tormento na experiência judaica”, num processo de reapropriação histórica e política das próprias origens, mas com plena autonomia com relação à religião hebraica que, como qualquer religião, não lhe dizia nada. Sua relação com os

Estados Unidos foi menos tensa: encontrou em sua época um país multinacional e aberto aos estrangeiros. Não foi cega, entretanto, às tendências políticas daquela sociedade, que produziam a caça às bruxas do macartismo, a intolerância racial, a delinquência juvenil, a vocação para a degradação.

A Arendt não foi apenas uma mulher de idéias, mas um indivíduo atuante no mundo. Colaborou com organizações sionistas que organizavam a fuga de judeus da Alemanha e recolheu fundos para formar um exército judeu que combatesse ao lado dos aliados contra os nazistas. Logo depois da guerra, sustentou a tese de que a paz no Oriente Médio e a sobrevivência de Israel dependeriam da constituição de um estado não-confessional que oferecesse a cidadania política aos árabes. Essa posição, que a salvava do oportunismo, valeu-lhe violentas críticas da comunidade hebraica internacional.

OMAL É BANAL Em 1947 foi como enviada especial do *New Yorker* cobrir o julgamento, em Jerusalém, do oficial nazista Adolf Eichmann, encarregado pela logística de extermínio do holocausto. Com grande coragem, denunciou as reticências acerca do fenômeno do colaboracionismo judaico com os nazistas e o tom teatral do processo, que poderia obscurecer aquilo que era o ponto central, isto é, a banalidade do mal. A figura de Eichmann era, na sua atroz normalidade, a expressão mais inquietante do nazismo. O tipo social característico do totalitarismo é o do indivíduo atomizado da sociedade de massas, incapaz de participação na vida civil, que encontra seu lugarzinho numa organização que lhe anula o juízo. No totalitarismo, esses indivíduos – muitas vezes bons chefes de família –



Reprodução

podem inclusive fazer parte de uma máquina de extermínio. Essa posição de Hannah Arendt valeu-lhe, por dois anos, uma profunda campanha difamatória: de Israel, que queria fazer do processo um evento exemplar útil para a legitimação do novo Estado, e da Alemanha, que preferia a imagem de excepcionalidade do mal perpetrado pelos nazistas.

AS ORIGENS DO TOTALITARISMO No pós-guerra, Arendt pôs-se a escrever uma de suas obras mais instigantes: *The origin of totalitarianism* (1951). Sua tese central é que o totalitarismo é uma forma política radicalmente nova e, na essência, diferente das outras formas historicamente comparáveis de poder pessoal: o despotismo, a tirania, a ditadura. Onde se implantou, o totalitarismo destruiu todas as tradições sociais, políticas e jurídicas, substituindo-as por formas completamente novas. Um dos resultados dessa operação, tão ao gosto da apologética modernista, é a criação da sociedade de massas, que transforma as

populações em multidões de indivíduos intercambiáveis; os partidos são substituídos por movimentos de massas; a subordinação política das pessoas amplia-se até a invasão da esfera privada; o centro do poder é transferido para a polícia e o exército.

A CONDIÇÃO HUMANA A produção científica da Hannah Arendt é rica e multiforme, abarcando ensaios de crítica literária, obras filosóficas e importantes contribuições na teoria política. Em *The human condition* (1958) reconstrói a degradação da idéia grega de *politéia*, isto é, do Estado e da cidadania no sentido de direito de todos os cidadãos. Essa obra indaga: nas condições de bem estar econômico e paz civil, qual é a condição da liberdade política? Qual é o espaço consentido para a ação política que não seja apenas a defesa dos interesses materiais ou mero comportamento exterior para o ritual eleitoral? Nas suas respostas, Arendt indica uma teoria libertária da ação na época do conformismo social. Hannah Arendt foi lealmente criticada por alguns filósofos marxistas, que viram na sua crítica ao totalitarismo um apagamento das diferenças entre nazismo e socialismo. Os acontecimentos políticos posteriores, entretanto, puderam mostrar que esses dois regimes possuíam natureza comum, sendo formas esdrúxulas de acumulação de capital em sociedades historicamente atrasadas. A história parece dar razão ao seu pensamento. Hannah Arendt morreu em 1975: foi poupada das formas finiseculares da estupidez das massas, de Sabra e Chatila, da nossa obscena miséria cultural, do infinito retorno das guerras étnicas.

Carlos Eduardo O. Berriel
é professor do Instituto de Estudos
da Linguagem, da Unicamp.